

메리골드 마음 세탁소

# A INCRÍVEL LAVANDERIA DOS CORAÇÕES



YUN JUNGEUN

메리골드 마음 세탁소

# A INCRÍVEL LAVANDERIA DOS CORAÇÕES



YUN JUNGEUN

TRADUÇÃO DE NÚBIA TROPÉIA

intrínseca

Copyright © 2023 by 윤정은 (Yun Jungeun)

Publicado originalmente por THEBOOKMAN. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Copyright da tradução © Editora Intrínseca Ltda., 2024

Esta edição foi publicada mediante acordo com THEBOOKMAN, por intermédio da BC Agency, em Seul, e de Patricia Natalia Seibel, em Portugal.

TÍTULO ORIGINAL

메리골드 마음 세탁소 (Marigold Mind Laundry)

COPIDESQUE

Luis Girão

REVISÃO

Luara França

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN

형태와내용사이

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

송지혜

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

j92i

Jungeun, Yun

A incrível lavanderia dos corações / Yun Jungeun ; tradução Núbia Tropéia. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.

Tradução de: 메리골드 마음 세탁소

ISBN 978-85-510-1048-8

1. Ficção sul-coreana. I. Tropéia, Núbia. II. Título.

24-87875

CDD: 895.73

CDU: 82-3(519.5)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

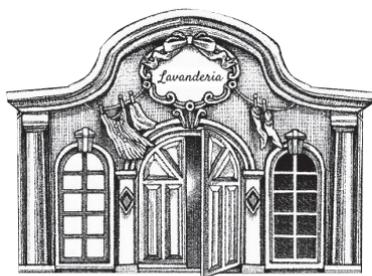
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

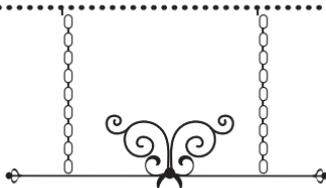
Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



Aqui vai uma hipótese:  
se você pudesse consertar algo de que se arrepende;  
se pudesse se livrar da dor de uma ferida entalhada no coração,  
como se fosse uma mancha incrustada,  
você seria feliz?

Se pudesse se livrar daquela única dor,  
você encontraria a felicidade?



## A LAVANDERIA DOS CORAÇÕES



Naquela vila, quando a primavera ia embora, chegava o outono, e quando o outono ia embora, a primavera voltava. Em um globo terrestre do tamanho de uma bola de futebol, a vilazinha teria o tamanho de um grão de poeira. Esse lugar existia, mas ninguém sabia disso. Era um local repleto de flores e árvores misteriosas, e as pessoas que viviam ali eram cheias de um vigor inimaginável. Além disso, elas não tinham asas, mas eram belas como fadas.

Lá os dias sempre se alongavam, como flores desabrochando. O céu era de um azul gélido, e o clima não era nem quente nem frio. Havia fartura de comida e as risadas nunca cessavam, e, por viverem com pureza no olhar e no coração, os habitantes não sabiam o que era ódio, sofrimento ou tristeza. Estavam sempre em harmonia, pois ninguém fazia qualquer comentário maldoso.

Alguns moradores dessa vila nasceram com o dom de ser luz para o mundo, levando calor para onde quer que fossem. Eles dançavam sob a delicada luz da lua quando essa subia ao céu e passavam o dia com um sorriso caloroso e radiante quando o sol nascia. Aquele frio de encolher os ombros não existia no corpo dessas pessoas, tampouco em seu coração.

Um belo dia, de forma inesperada, o verão quente chegou ao coração de um morador dessa vila. E foi falando isto que tudo começou:

— Ei, acorde. Você está bem?

- ... Sede...
- O quê? Não escutei.
- ... Água...
- Ah, água! Aqui está.

Um homem passava os dias explorando a trilha que se estendia por cada recanto da vila. Como guardião do lugar, ele era encarregado de realizar diversas tarefas, independentemente da importância. Caminhava por ali respirando fundo e observando a natureza, até que avistou a mulher caída na beira da trilha.

O rosto dela era de uma palidez incomum, e o cabelo, longo e escuro. Seus lábios tremiam como se quisesse dizer alguma coisa, e, depois de tomar alguns goles da água que o homem lhe oferecera, ela acabou desabando outra vez. Ele nunca a tinha visto na vila. E, no momento em que ela desmaiara, as folhas das árvores vieram esvoaçando e a ampararam, formando um leito aconchegante.

— Ei, moça! Você não pode ficar deitada aqui! Onde você mora? Pode deixar que eu a acompanho até sua casa.

O homem ficou parado meio sem jeito ao lado da mulher desmaiada. Aflito, pensou que as folhas pudessem acabar sujando de verde o vestido branco que ela usava, então tirou a própria roupa e a cobriu, depois se sentou ao lado dela.

*É proibido dormir aqui, mas... agora não há muito o que fazer. Quando ela acordar, vou ter que perguntar onde mora e levá-la para casa. Mas, nossa, de repente meu coração ficou leve, estou com sono... por que será? Que estranho...*

Abraçando os joelhos, ele tombou e adormeceu.

— Desculpa, mas que lugar é este?

O homem acordou com um leve balançar em seu ombro. Assim que despertou, ficou hipnotizado pelos olhos azuis da mulher que fizera a pergunta. Olhos tão profundos quanto o mar, ou o céu, que ao refletirem a luz pareciam azuis, mas ficavam castanhos

quando ela piscava com seus lindos cílios alongados. Ele ficou fascinado por aqueles olhos misteriosos.

— Hum, aqui... como posso dizer? Hum... É uma vila com poderes mágicos.

— Poderes mágicos? Tem um cheiro aqui que eu nunca senti. Reconheço a energia dos lugares pelo cheiro e... aqui tem um aroma gostoso de paz. Só que, por mais estranho que pareça, não consigo relacionar ele a nada. O vento é agradável, o clima também. Adoraria morar num lugar tranquilo como este, se fosse possível.

— Então... que tal morar comigo aqui na vila?

O homem fitava os olhos dela, as palavras lhe escapando antes mesmo que pudesse pensar. Ele se levantou num salto, o rosto e as orelhas vermelhos. A mulher o encarava, hesitante e sem saber o que fazer, até que, por fim, abriu um belo sorriso.

— Está bem — respondeu. — Eu aceito.

A frase “foi amor à primeira vista” tem lá suas incoerências, mas os dois tiveram até uma linda menininha e viviam em paz na vila com seus dons fantásticos. Apesar de misteriosos, esses dons não podiam ser usados para fazer mal aos outros, e quando a primavera chegou outra vez, o que era chamado de outono foi viver feliz em outra vila.

A mulher, que se dedicava a colocar amor em tudo o que fazia, de repente se sentiu tão feliz que foi até inundada por certa angústia.

*Não, não pode ser, é impossível. Este lugar é desconhecido para quem vem de fora. A única pessoa nesta vila que sabe o que é sentir angústia sou eu...*

Ela balançou a cabeça e o pensamento se dissipou.



Na madrugada, mesmo quando o fogo era apagado, a calidez do amor continuava presente e um calor gostoso pairava sobre a casa. Toda noite, antes de ir se deitar, a mulher sentia o aroma ao redor e ficava aliviada com aquela calmaria. Quanto mais o tempo passava, mais confortável ficava. E os dois, cujas feições gentis se tornaram parecidas, costumavam acender a pequena luminária do quarto e conversar de mãos dadas até caírem no sono.

Ambos tinham ficado grisalhos com a idade, e sua adorável garotinha estava crescendo saudável e prestes a se tornar uma moça.

Naquele dia, porém, a mulher estava com uma expressão mais preocupada do que o normal.

— Querido, não está na hora de conversarmos sobre o poder de nossa filha?

— Hum... Ainda é cedo.

— Como assim “cedo”? Ano que vem ela se torna maior de idade. Hoje em dia ela só usa seus dons quando é necessário, mas é preciso aprimorar a forma de controlá-los.

— Nossa filha ainda não conhece os próprios dons. Ela vai ficar muito assustada se souber de forma tão repentina.

— É verdade... Você tem razão.

— Logo vai chegar a hora certa de contarmos a ela.

— Está bem, como quiser. Mas quando nossa filha descobrir que tem esses dons, seria bom que ela passasse um tempo sem ler livros com histórias de outras vilas.

— Combinado. Há muitos sentimentos nas histórias de outras vilas... É preciso tomar cuidado para não relacionar esses sentimentos aos dons que ela tiver.

Enquanto isso, presságios preocupantes chegavam tardiamente para a filha, que não sabia dos próprios dons. Na verdade, fazia tempo que ela suspeitava da existência deles, mas sempre acabava atribuindo tudo apenas a uma grande capacidade de sentir empatia ou a uma forte habilidade de “fazer acontecer”. Contudo, por

lhe haver sido atribuída a função de utilizar a magia para o bem, ela precisava enfrentar provações destinadas àqueles com o dom de se tornarem luz para o mundo.

Se essas pessoas não conseguissem superar as provações, não seriam capazes de usar adequadamente seus dons e precisariam perambular por muito tempo em busca de um meio de tratar as feridas do próprio coração. No entanto, se fossem capazes de superá-las, poderiam usar seu dom de forma plena e viver uma vida iluminada. Seria uma vida encantadora e respeitável, mas também solitária e angustiante. Pois onde a luz brilha há também uma escuridão profunda. Tal como o lado oculto da lua.

A mulher se instalara naquela vila após desmaiar enquanto fugia da cidade em que morava, de onde trazia feridas não cicatrizadas. Vivendo ali, o amor conseguiu curar seu coração machucado. Por isso, tinha esperanças de que a filha pudesse viver como uma flor que nunca murchava, sem que ninguém jamais a ferisse, sob a luz secreta da vila mais encantadora do mundo.

No entanto, o que o vento leva, ele traz de volta. Aqueles que conversavam com sua filha ficavam com o coração leve, e a garota realizava os desejos deles, e seu dom ia sendo cada vez mais enaltecido. Agora estava chegando a hora em que ela deveria sair da vila para aprimorar e controlar diferentes sentimentos que não existiam ali. Poucos escolhidos daquele lugar saíam pelo mundo e usariam seus dons e feitiços para ser luz. Normalmente, os sinais surgiriam cedo na infância e a filha frequentaria uma escola preparatória, mas a garota era um caso especial — suas habilidades foram se manifestando conforme ia amadurecendo.

*Hã? Eu também... tenho... um dom?*

A garota ficara lendo até tarde da noite. Quando saiu do quarto para pegar um copo d'água, seguiu em direção à luz que passava pela fresta da porta e acabou escutando a conversa dos pais. O espanto foi tanto que ela se sentou ali mesmo, sentindo uma es-

tranha palpitação no peito. *Mas que raio de dom será esse? Quem vou ter que ajudar com esse poder? Será que vou precisar sair da vila como as outras pessoas com habilidades? Como será esse mundo de que nunca tive nem um vislumbre?* A apreensão e a expectativa inundaram ao mesmo tempo. Sem fôlego, ela se recostou na parede e continuou escutando a conversa.

— Mas na nossa vila já existiu alguém com mais de um dom?

— Eu soube que pode ter existido no século passado.

— ...

A garota estava tão concentrada nas vozes quase sussurradas que por um instante perdeu a força nas pernas. Ela se apoiou na parede, deu dois passos e se sentou com dificuldade numa cadeira. O fato de ter um dom era espantoso, mas como podia ter mais de um? Ela se sentia tonta e confusa. Pela janela, a noite estava mais escura e sinistra do que o normal. Era uma noite em que a lua e as estrelas ocultavam seus rostos. Uma noite que podia abrir os portões de saída da vila.

*Vai ficar tudo bem. Não vai acontecer nada. Não mesmo...*

Respirando fundo e devagar, ela se recompôs e fechou os olhos. Um, dois, três...



— Pai! Mãe! Não vão embora! Não me deixem sozinha! Por favor, voltem...

De repente, a garota acordou chorando. Tivera um pesadelo em que todos aqueles que amava eram levados embora por um tornado. Um sonho em que um vento forte vinha e arrebatava tudo o que ela amava, deixando-a sozinha. Era a primeira vez que sentia aquilo. Seriam aqueles os sentimentos de “angústia” e “pânico” mencionados num livro da estante secreta da biblioteca

de casa, que ela lera escondido? Os pais a haviam proibido de ler histórias de outras vilas antes de dormir, mas... todas as noites, enquanto todo mundo dormia, ela pegava um livro da estante secreta, por pura curiosidade. Na história que lera naquele dia, pessoas amadas eram sugadas por um buraco negro mágico, iam parar em outro século e precisavam ser resgatadas.

Sem conseguir se controlar, a garota colocou a mão sobre o peito palpitante e chorou copiosamente por um bom tempo. Que estranho. Ao chorar daquele jeito, era de se esperar que seus pais aparecessem às pressas, mas por que estava tudo tão quieto? O sono deles era tão pesado assim? Do contrário, seria aquele momento um sonho? Por que ela não estava sentindo nenhum cheiro? Com o coração apertado, observou seu entorno e, sem acreditar no que estava vendo, esfregou os olhos. Então os fechou, e quando os abriu de novo, os esfregou mais uma vez.

No entanto, por mais que esfregasse os olhos, o cenário não mudava: não havia sobrado nada à sua frente. Aquilo era um sonho. Com certeza era um sonho. Só podia ser um pesadelo. Ela iria fechar os olhos de novo e voltar a dormir. E iria sonhar com outra coisa. Era uma noite esquisita. Ela voltou a fechar os olhos com força.

Daquela vez, antes de cair no sono, vieram à sua mente as últimas palavras que escutara ao se sentar naquela cadeira. E que ela achava que fosse parte de um sonho.

— O dom de ter empatia com a tristeza dos outros e aliviar esse sentimento é algo muito bom, mas o dom de tornar desejos realidade? É perigoso e poderoso demais...

— Por que só descobrimos isso agora? Se soubéssemos antes, teria sido muito melhor... Se nossa filha tiver que aprimorar sozinha o que aprenderia na escola preparatória, imagino que ela terá um caminho bem difícil pela frente.

— Não se culpe por isso. Você sabe que não adianta chorar sobre o leite derramado. Por mais que só tenhamos descoberto agora, vamos dar todo nosso apoio a ela.

— Eu sei. Mas quando ela souber do dom, vai ficar com isso na cabeça por um tempo, e os sonhos vão surgir logo em seguida. Precisamos tomar cuidado para que ela não tenha pensamentos hostis. Amanhã à noite, quando estiver um clima tranquilo, precisamos contar a verdade para ela.

— Vamos fazer isso, então. Mas se ela demonstrar os dois dons...

A garota tinha ido dormir sem conseguir escutar o restante daquela conversa, e se afundou num remorso sem fim. Ela deveria ter ouvido tudo até o final... não, ela não deveria ter saído para pegar água... não, não deveria ter ficado acordada até tarde... não deveria ter escutado a conversa dos pais às escondidas... não deveria ter lido um livro de outra vila, para começo de conversa... não deveria ter ido até a estante secreta. Quanto mais ela refletia, mais seu remorso crescia, como uma bola de neve.

Apesar de ter fechado os olhos com força, aquilo não era um sonho. Era real. Estava tudo arruinado, literalmente. *Por minha causa, aqueles que eu amo se foram e eu fiquei sozinha.*

Como seria bom poder voltar atrás numa situação de que nos arrependemos... Será que faríamos uma escolha diferente? Isso seria realmente possível?

Não, como seria bom ter o dom de saber com antecedência que algo ruim aconteceria e assim impedir aquilo. Talvez desse para fazer...

Não, não dá. Se fosse assim, tudo poderia sumir do nada, num instante. Bastou um piscar de olhos para o mundo iluminado de antes ficar tomado de escuridão.

Isso é um sonho.

Só pode ser um sonho.





— Isso não é um sonho. É real.

De vez em quando... ou melhor, muitas vezes, a realidade é mais cruel do que os sonhos.

Não importava o quanto fechasse e abrisse os olhos, ela continuava sozinha, dormindo e acordando onde estava sentada. Para a garota, era desolador perder as pessoas que amava por não saber usar o próprio dom. De alguma forma, porém, ela acreditava que conseguiria consertar tudo.

Procurando em todos os materiais da escola preparatória, se deparou com o seguinte trecho:

No começo, quando estiver aprendendo sobre o seu dom, o controle desse poder ainda não estará desenvolvido por completo e demandará concentração excepcional. Especialmente no início do treinamento, muitas coisas podem acontecer. Os pensamentos que surgem logo antes de dormir são formados pelo que acontece na vida real, portanto, para não fazer mau uso deles ou colocar-se em perigo, preste muita atenção. Antes de dormir, não se esqueça de meditar e pensar em coisas boas.

Era inútil. Não importava o quanto pensasse ou sonhasse em ter sua amada família de volta, quando ela abria os olhos, estava sozinha.

*Será que meus pais foram enviados para outro século, como na história do livro? Se eu vasculhar todos os séculos, posso encontrá-los de novo. Até reencontrá-los, nunca vou envelhecer. Mesmo se eu renascer um milhão de vezes, ainda vamos nos reencontrar, não é? Vou procurar os dois, com certeza. E vou trazê-los de volta.*

Assim como, em situações de crise, algumas pessoas manifestam uma força sobre-humana que até então não imaginavam ter, neste momento de desespero e profunda tristeza, a garota também conseguiu colocar em prática um dom especial. Não fazia muito tempo que havia descoberto os próprios dons, mas, pegando emprestada a força do momento, impôs a si mesma a missão de percorrer os séculos e renascer um milhão de vezes. Ela ignorou todos os avisos de que a empreitada poderia ser perigosa. *O lugar para onde as pessoas que eu amo foram é mais perigoso ainda.* Ela continuou ignorando os avisos sobre utilizar seu dom para fazer boas ações e perpassou todos os séculos procurando sua família. A garota de bochechas sempre coradas e um sorriso amoroso constantemente no rosto atravessou séculos e mundos, renascendo inúmeras vezes, e aquele sorriso foi se perdendo. Mas estava tudo bem. Desde que encontrasse sua família. E assim ela continuou, renascendo e perambulando pelo mundo enquanto realizava um número incontável de ações.

*Onde vocês estão? Por favor, apareçam... Eu imploro... Se pelo menos tudo isso fosse um sonho...*

Mesmo tendo renascido e procurado com avidez, ela não conseguiu encontrar as pessoas amadas. Acabou não conseguindo chegar ao fim da própria vida nem viver feliz. Ela precisava encontrar os pais, mas decidiu que pararia de ficar renascendo para, enfim, envelhecer e morrer. Como estava, não conseguia ficar alegre em estar sozinha nem era livre para envelhecer naturalmente. Ela prometera que encontraria os pais e que iriam sorrir juntos de novo. Tinha ignorado o princípio da magia de utilizar seu dom para fazer o bem e o usado em benefício próprio.

No entanto, quanto mais ela renascia, mais seus olhos escuros e profundos se enchiam apenas de tristeza, e ela foi se tornando uma pessoa indiferente, que não chorava nem sorria. Numa solidão profunda, sem comer nem dormir direito, e com o olhar vazio, ela foi minguando até ficar franzina.

Após chegar à conclusão de que deveria manter a aparência que tinha quando foram separados — pois do contrário a família poderia não a reconhecer —, ela fez com que sua idade avançasse apenas a ponto de não alterar seu rosto. Num século, era uma moça em seus vinte anos; no outro, em seus trinta. Algumas vezes, também vivia como se tivesse quarenta, mas não passava dessa idade. Seu medo era de que a família não a reconhecesse, ou que a memória dela já estivesse tão fraca a ponto de ela mesma não reconhecer mais os pais. Era um percurso extenuante. E as horas cruéis passavam mais depressa do que ela se dava conta.

*Esta já é a milionésima vez... Quem me dera o dia de hoje ser um sonho...*

Por mais que pensasse com afinco, ela não sabia por que esse pensamento não virava realidade, ou quando seus dons iam se manifestar de forma mais concreta. Não há nada mais difícil do que viver agarrada a algo que não se entende. Ela deveria ter pegado o material da escola preparatória e ido embora da vila...

No primeiro dia de uma nova existência, após já ter renascido sabe-se lá quantas vezes, a garota abriu os olhos, levantou-se da cama devagar e pegou a chaleira para ferver a água.

— Vai, ferve a água. Borbulha... Por que não está funcionando?

A garota, já habituada a falar sozinha, abriu a tampa da chaleira com a mão direita e despejou a água com a esquerda. Toda vez que ela renascia, seu desejo de voltar com a mesma idade, a mesma aparência e no mesmo tipo de local se tornava realidade. O que é que estava faltando?

— Cadê a xícara? Eu deixo sempre no mesmo lugar.

Ela procurou na prateleira de cima, abriu e vasculhou a gaveta de baixo, e acabou encontrando a xícara branca numa prateleira bem à sua frente. Ela encarou o objeto. Desde quando estava aí...?

Enquanto isso, a água fervia com um chiado.

*Que-sau-da-de.*

A garota se lembrou daqueles com quem convivera no século anterior. Eles diziam sentir saudades, mas ela sentia mais. Na verdade, já estava exausta havia muito tempo. Como bloquear a liberdade de sentir, para viver sem qualquer alegria, se havia pessoas gentis que aqueciam o seu coração? Ela, que não era nem um pouco gentil com os outros, apenas saía de perto o mais rápido possível quando começava a se acostumar com as pessoas a sua volta, para não se sentir mal por não fazer nada de bom por elas. Mesmo que agisse com frieza e fingisse ser alguém difícil, o rosto daqueles que aqueceram seu coração lhe vinha à mente. Às vezes, ela queria parar de andar sem rumo e poder ficar na companhia deles.

— Será que tenho esse direito?

Cada vez que sentia vontade de permanecer ali, a garota saía correndo daquele mundo.

Mas nem sempre ela estava só triste. Também havia uma coisa que gostava de fazer.

Ela adorava escutar em silêncio as histórias das pessoas à sua volta. Nessas horas, utilizava seu excepcional dom de sentir empatia para transferir os sentimentos, e seu coração ficava inconsolável. Quando os sentimentos começavam a suavizar, ela oferecia um chá a quem estivesse contando a história, que lentamente lhe abria um sorriso.

Dessa forma, uma atmosfera agradável surgia entre eles no momento em que relaxavam. Para ela, escutar histórias tristes, melancólicas ou revoltantes não era algo pesado. Ela vivera mais tempo do que os outros, e isso naturalmente a fez entender que, na vida, havia mais momentos de tristeza do que de alegria. Quando as pessoas abriam o coração para ela, a voz de cada uma era como música.

Além disso, essas histórias estavam incrustadas dentro das pessoas, como uma mancha no coração, e o melhor momento era quando ela limpava essa mancha e o coração das pessoas saía purificado. E, ao amansar tantos corações cheios de segredos, ela se

perguntava se algum dia o coração dela também seria preenchido. Esperava que sim.

De fato, a garota sabia que possuía um dom. Tinha medo de usá-lo por completo, no entanto. Ela temia que mais alguém desaparecesse. Será que amar sempre vinha junto do medo de perder a pessoa amada? Ela parara de envelhecer e, à medida que as pessoas de seu convívio iam ficando mais velhas, precisava se preparar para partir de novo, apesar de não ser uma decisão fácil.

Por acaso ela não amava aquelas pessoas o suficiente para procurá-las em todo lugar? Ainda que viesse renascendo havia um bom tempo, ela se martirizava pelos erros do passado... Era por isso que não conseguia ver com clareza aquilo de que precisava? Assim como tinha acontecido com a xícara?

A garota segurou a xícara branca, observando-a, e refletiu enquanto a enchia de água. Tanto colocar a água para ferver quanto despejá-la são escolhas. Tudo está dentro dos pensamentos... Até mesmo renascer estava ficando bem difícil. Teria chegado a hora de parar? Não. Ainda não. Melhor não pensar naquilo.

Ela balançou a cabeça para afastar o pensamento. Despejou a água quente na xícara e a assoprou antes de beber. Só então foi inspecionar a casa. Sempre que renascia, ela nunca se mudava para um lar com estrutura diferente da que já conhecia, ainda que a vila fosse outra. Uma casa com um quarto, uma sala, uma cozinha pequena numa construção simples de quarenta metros quadrados, com poucos móveis, não mais que uma cama, uma penteadeira pequena, um guarda-roupa, uma cadeira e uma mesa. Séculos antes, tinha desejado uma casa grande e suntuosa, mas, por morar sozinha, isso apenas aumentava sua solidão.

Ela conseguia um trabalho a cada novo renascimento, mas, como não usava o salário para nada, acabou acumulando todos os ganhos. Conforme renascia, sua soma de dinheiro aumentava, e as necessidades, diminuía. Enquanto inspecionava a casa já tão conhecida, ela foi até a sala e parou em frente à janela.

— Que coisa linda...

Ela escolhera o vilarejo da vez, a Vila dos Cravos, por conta do nome. Era a flor favorita da mãe, então havia certa familiaridade naquilo. A casa onde a garota morava era a mais alta entre as casas cor de tijolo que se agrupavam como as flores na vila. Um cheiro de arroz cozido parecia vir de uma ruazinha de trás. O sol nascia e se punha ali com toda a calma. E era possível ver outras casas, o interior de cada uma iluminado por uma luz amarela, com fumaça saindo das chaminés.

A garota olhava pela janela, imóvel. Apesar de a vila não ter muitos moradores, isso não queria dizer que ela se sentia solitária ali. Segurando a xícara, abriu a porta da varanda e sentiu os azulejos frios sob os pés descalços.

Ela estava de costas para o mar, o vento soprando em seu rosto, e, ao olhar para a esquerda, perdeu o fôlego. O sol se punha em todo o seu esplendor, tingindo o céu de escarlate, como se labaredas de fogo estivessem entrando devagarinho no mar. *O pôr do sol não é mesmo deslumbrante?*

A vila ficava no topo de uma montanha, de um lado, cercada pelo mar, do outro, pela cidade. Ela fechou os olhos e inspirou fundo: sentiu o cheiro da água. E olhando aquela paisagem que mesclava o mar, a cidade e a vila, a garota se sentiu só. De súbito, uma lágrima quente escorreu por seu rosto.

— Nossa, por que o pôr do sol tem que ser tão lindo assim? Ainda existe beleza no mundo...

Antes que alguém visse, ela secou a lágrima depressa e fixou os olhos na paisagem crepuscular. O vento soprava, o aroma das flores chegava até ela. Quando afastou o cabelo esvoaçante, as cores do crepúsculo encheram seus olhos.

— O que é isso? Conheço esse cheiro...

Puxando o ar ao máximo, a garota recordou-se de um cheiro que sentira fazia muito tempo. Ela sabia de onde vinha: tinha se lembrado do cheiro da saudade.

Ela tomou a água da xícara, já fria, e, num instante, o sol desapareceu na superfície do mar. Seu brilho, no entanto, permaneceu no céu, espalhando sua cor escarlate.

A escuridão não chegou assim que o sol se pôs. Ainda que não fosse mais possível vê-lo, sua luz se conservava. Era isso. A luz e a escuridão se juntavam no mesmo lado, em vez de estarem em lados opostos. Ela observou a paisagem se cobrindo de breu, a luz solar espiando por uma fresta da escuridão intensa. Por mais que tudo parecesse mergulhado no escuro, havia um brilho quase imperceptível.

Pouco a pouco a noite foi caindo. E, mesmo profunda, a escuridão se fundiu à claridade, fazendo com que o sol e a lua convivessem no céu. Será que não conseguimos ver a lua durante o dia porque estamos apenas tentando ver o sol? A garota passou a noite encolhida, abraçando os joelhos, sem se mexer. E a noite se tornou madrugada, que se tornou manhã. O escuro pareceu durar uma eternidade, mas o amanhecer chegou uma vez mais. O que se ganha ao não se esforçar para viver? Os dias não trarão de novo as manhãs?

— Nesta vida, nem a luz nem a escuridão são eternas...

Nesse momento, a garota se lembrou das pessoas que conhecera no século anterior, e de quando lhes oferecera o “chá de consolação”. Quando elas tomavam o chá, era como se a escuridão dentro delas se dissipasse, e, tal como a alvorada despontando devagar, as pessoas erguiam os olhos e sorriam.

— Eu... me lembro!

*Cracc!* A xícara escorregou da mão dela, cacos brancos se espalhando por toda parte. Agora, restava apenas a memória. *Por que agora?* A garota levou as mãos à boca, mas já era madrugada e ninguém a escutaria, mesmo se gritasse. Ela pôde ouvir as últimas palavras do pai, que permaneceram em sua mente quando ela desmaiou após escutar a conversa entre ele e a mãe.

— Mas para usar bem ambos os dons, primeiro ela deve aprimorar o dom de aplacar o coração das pessoas e aliviar a tristeza

delas, e só então utilizar o dom de realizar sonhos. Talvez ele sirva para ajudar com as dificuldades de cada um. É um dom especial e valioso, não há muita gente com esse tipo de dom em nossa vila. Ela foi escolhida.

*Por que agora? Por que... agora...?* Não havia lhe restado forças nem para chorar. Sem mexer um músculo sequer, a garota imaginou o próprio desaparecimento. E então seu corpo foi ficando cada vez mais translúcido. Às suas costas, mais uma vez, o sol chegava para se dedicar às obrigações do dia.

— Ah, é a minha cabeça... Por que não consigo sumir?

Antes de desaparecer, ela fechou as mãos, e, nesse momento, os cacos da xícara quebrada se tornaram pétalas de flores brancas e voaram pela janela em direção ao céu. Ali, elas se acomodaram entre as nuvens e as afastaram, para que o sol pudesse reluzir na janela. Os raios de sol que brilhavam no céu azul-escuro aqueceram a roupa que a garota usava, transformando instantaneamente aquela peça num vestido de cetim preto adornado com camélias vermelhas.

Assim que abriu os olhos, o cabelo todo preso da garota se soltou. Era como se ela passasse por uma noite calma e parada antes do temporal, como se uma grande tempestade viesse chegando. E seria um dia daqueles.



— O pôr do sol daqui é sempre melancólico. Como se toda vez fosse a última. Como se o amanhã não existisse.

Por muitos dias, a garota ficou inerte, apenas observando o nascer e o pôr do sol. Por fim, saiu de casa. Estava tão ressentida que a última lembrança do dia mais doloroso de sua vida tinha vindo à tona... Agora que ela sabia aquilo, não podia continuar

daquele jeito. Por enquanto, ela abriria mão do ressentimento e da culpa, e, quando isso acontecesse, tentaria resolver o problema e sobreviver à crise. Talvez no fim houvesse uma solução. Mas, por ora, precisava encontrar um lugar e uma forma de apaziguar de verdade o coração das pessoas. Ali, na Vila dos Cravos.

— Ué, além do seu netinho, agora você está cuidando de mais duas crianças? Já comeu?

— Já, sim. Eles vão lá em casa no fim de semana. Vou fazer um pouco de *eomuk*.

As pessoas da vila que passavam por ela falavam umas com as outras com naturalidade. Elas iam e vinham, carregando comida quente em sacolas plásticas pretas e um punhado de notas de mil wons. Por morarem em uma vila tão pequena e simples há tanto tempo, os moradores sabiam até quantas colheres cada um tinha em casa.

— O *kimbap* é por conta da casa! Haha!

— O quê? Que tipo de *eomuk* eu comprei para o *kimbap* ser por conta da casa? Só pode ser sobra! Aqui, pegue o dinheiro.

— Ah, pare com isso! Amanhã você paga.

A garota observou a troca de farpas bem-humorada. Que estranho! Ouvir aquela conversa a fez sentir fome, pela primeira vez em muito tempo.

Ela entrou em um velho restaurante chamado Nosso Botequim, onde era possível ficar escutando as conversas das pessoas. A mesa vermelha tinha manchas de gordura incrustada e era daquelas que continuavam grudentas mesmo depois de passar um pano. Ela resistiu à vontade de corrigir os erros de ortografia no menu e pediu uma porção de *kimbap*, um rolinho de arroz envolto em alga.

*Mas em qual vida será que eu comi arroz pela última vez? Pelo menos nesta vida acho que é a primeira...*

A garota tinha uma tarefa a cumprir. Considerando isso, comer alguma coisa em um restaurante talvez fosse até um luxo. Ela

era o tipo de pessoa que sobreviveria se tudo o que ingerisse o dia todo fosse uma cápsula de energia. Num dos séculos anteriores, cuidara de alguém que estava no fim da vida, por isso tinha a receita de como produzir as cápsulas... Do rosto da pessoa, contudo, já havia se esquecido.

A chefe do estabelecimento entregou o *kimbap* à garota, que parecia abatida.

— Tem que comer mesmo se não quiser, senão vai acabar sumindo de tão magra! — disse ela. — Também estou sem apetite hoje, mas me forcei a comer. E mal consegui. Se não comer, o estômago vai diminuindo.

Ela se lembrou de ter escutado alguém dizer a mesma coisa sobre ter que comer. Tinha sido em qual época mesmo? Automaticamente, colocou o *kimbap* na boca. Olhou com indiferença para a barriga saliente e o velho avental florido que a mulher usava e inclinou a cabeça.

*Não está tão gostoso... Será que é porque faz muito tempo que eu não como?*, pensou. A mulher trouxe a sopa de alga com *eomuk*, que borbulhava de tão quente.

— Mas qual é o seu nome, mocinha? — perguntou.

Desconfiada, a garota contou com os olhos as cebolinhas e pimentas que boiavam na sopa. Fixou o olhar nas letras grafadas num panfleto amarelo desbotado na mesa ao lado: “Mercado Jieun”. Ficou em silêncio por alguns segundos enquanto mastigava o *kimbap*, e depois, com os lábios trêmulos, respondeu:

— É Jieun.

— Jieun? Que nome bonito! Bom apetite, e, da próxima vez que vier, experimente o *ramyun*!

Então seria isso. Jieun, um nome bonito. Jieun, a que inventava histórias. Tinha gostado daquele nome que arranjara às pressas. Ela abriu um leve sorriso e levou à boca uma colherada da sopa cheia de cebolinha e pimenta.

*Que sopa mais quentinha...*



FENÔMENO LITERÁRIO COREANO  
EMOCIONANTE FAZ LEITOR SE QUESTIONAR  
COMO SERIA A VIDA SE PUDÉSSEMOS APAGAR NOSSAS  
LEMBRANÇAS MAIS DOLOROSAS

Na calada da noite, no topo da colina mais alta da Vila dos Cravos, uma construção surge em meio a um redemoinho de pétalas vermelhas: assim nasce a Lavanderia dos Corações. Nesse local tão curioso, uma mulher enigmática chamada Jieun aguarda seus visitantes, sempre com um chá quentinho e a promessa de saírem com o espírito renovado.

Mas essa não é uma lavanderia comum. Apesar do passado doloroso, Jieun está decidida a transformar sua história e colocar em prática os dons incríveis com que nasceu — a capacidade de realizar desejos e de apaziguar o sofrimento das pessoas. Quem bebe seu chá de consolação acaba compartilhando memórias secretas de tempos difíceis e tem a oportunidade de tomar uma decisão que mudará a própria vida para sempre: apagar ou não suas lembranças mais tristes.

Nesse lugar mágico onde as pessoas vão em busca de um momento de conforto, diversas realidades se encontram, e arrependimentos antigos, desilusões amorosas, infâncias sofridas e sonhos deixados de lado trazem à tona uma série de perguntas: é possível eliminar de vez uma angústia? Acabar com nossas feridas seria a coisa certa a se fazer? E, afinal, quem somos nós sem as partes mais complicadas do nosso passado?

*A incrível Lavanderia dos Corações* aborda como a tristeza e a alegria estão conectadas e como as mágoas que carregamos transformam cada um de nós. Uma obra de fantasia comovente e reconfortante, que não apenas nos faz repensar nossas escolhas, mas também apresenta uma lição de empatia que nos dá coragem para abrir nosso coração.

**SAIBA MAIS:**

<https://intrinseca.com.br/livro/a-incrivel-lavanderia-dos-coracoes/>